

LUCIANO LOURENÇO
(COORDS.)

IMPRESA DA
UNIVERSIDADE
DE COIMBRA
COIMBRA
UNIVERSITY
PRESS

GEOGRAFIA, CULTURA E RISCOS

LIVRO DE HOMENAGEM AO
PROF. DOUTOR ANTÓNIO PEDROSA



Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

**O DIDATISMO DA GEOMORFOLOGIA FLUVIAL
DO VALE DO BAIXO ALVOCO**
**THE DIDACTICISM OF FLUVIAL GEOMORPHOLOGY
OF THE LOWER ALVOCO VALLEY**

Luciano Lourenço

Departamento de Geografia e Turismo
Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
luciano@uc.pt

Sumário: A bacia hidrográfica do rio Alvoco, apesar da sua reduzida dimensão, com pouco mais de 190 km² de extensão, dispõe de uma diversidade de formas que lhe conferem um espaço privilegiado no contexto da geomorfologia fluvial, em resultado da atuação de uma dinâmica fluvio-glaciar. Por esta razão, a morfologia dominante nas cabeceiras preserva as marcas deixadas pela atuação de processos glaciares, enquanto que, na parte vestibular, os traços mais marcantes estão associados à atuação de processos relacionados tanto com o encaixe da rede fluvial, como com a posterior alternância de períodos mais frios e húmidos, com episódios de frio mais seco, que desorganizaram a drenagem e permitiram a acumulação de importantes quantidades de material que, nestas condições, se deslocou para a base das vertentes, constituindo depósitos que fossilizaram as antigas linhas de água. Ainda que uma parte de muitos deles se encontre substancialmente conservada, muitos outros foram alvo de intensa exploração antrópica, que lhes retirou a fração fina, deixando enigmáticos amontoados de calhaus rolados. Deste

modo, o Baixo Alvoco é fértil quer em termos de património natural, quer em termos de atividade humana, materializada em atuação sobre esse património, que bem merece ser mais estudada, para se poder vir a preservar todo este valioso património, tanto geomorfológico, como histórico.

Palavras-chave: Geomorfologia fluvial, meandro abandonado, modelado periglacial, depósito de terraço, coluvião.

Abstract: The catchment area of the Alvoco River, despite its small size, with just over 190 km², offers a variety of ways that give it a special area in the context of fluvial geomorphology, as a result of the performance of a fluvial-glacier dynamics. For this reason, the dominant morphology headwaters preserves the marks left by the action of glacial processes, while the vestibular part, the most striking features are associated with the performance of related processes with both the fitting river network, as with the subsequent switching more cold and wet periods, with episodes of drier cold, which disrupted drainage and allowed the accumulation of large amounts of material in these conditions moved to the base of the slopes, forming deposits fossilized ancient water-courses. Although a part of many of them is substantially preserved, many others have been the subject of intense human exploitation that stole them the fine fraction, leaving enigmatic piles of pebble. Thus, the Lower Alvoco is rich in whether in terms of natural heritage, and in terms of human activity embodied in acting on this heritage that deserves to be studied, in order to be able to preserve all this valuable heritage, both geomorphological, and historic.

Keywords: Fluvial geomorphology, abandoned meander, modelled periglacial, terrace deposit, colluvium.

Introdução

Toda a bacia hidrográfica do rio Alvoco é muito rica, do ponto de vista geomorfológico, pois conserva formas muito variadas, quer devido à diferente constituição geológica entre as áreas de cabeceiras, moldadas no granito, e as partes vestibulares, constituídas por formações metassedimentares, cuja transição é feita por uma importante auréola metamórfica de contacto, quer devido a diferentes atuações dos processos morfogenéticos num passado recente, predominantemente de características fluvioglaciares nas cabeceiras, situadas a maior altitude, em regra acima de 1800 metros, e, marcadamente fluvioperiglaciares no resto da bacia.

Assim, além da diferenciação litológica, existe também uma importante diferença altitudinal entre as áreas de cabeceiras, que arrancam dos Covões de Alva e Estrela¹, situados pelos 1900 m, no topo da serra, a SW da Torre, e a generalidade das vertentes, que se desenvolvem a cotas bem mais baixas, cujas bases oscilam, no Baixo Alvoco, entre 300m, na Vide, e 220 m, na Ponte das Três Entradas (fig. 1).

¹ Estas denominações podem induzir em erro, uma vez que tanto o Covão de Alva como a Lagoa do Covão de Alva drenam diretamente para a ribeira de Alvoco, ainda que as designações pareçam associar uma drenagem direta para o Alva, o que, eventualmente, poderá ter acontecido no passado. De facto, a linha de água que se desenvolve a sul do Poio da Estrela parece ter-se dirigido diretamente para o Covão de Alva e, posteriormente, ter sido alvo de captura recente por parte do Covão das Quelhas. Trata-se de uma área a carecer de estudo mais pormenorizado antes de se para poder concluir algo de mais concreto e definitivo sobre a provável luta de cabeiras que a toponímia destes locais parece indiciar.

Com efeito, o próprio Covão da Estrela, prolonga-se para o Covão das Barreiras que, por sua vez, evolui para a ribeira do Meio, todos eles alinhados NE-SW, antes de se transformarem, após a confluência com a ribeira do Levantejo, na ribeira de Alvoco, quando o nome do Covão sugere uma evolução mais lógica para a ribeira da Estrela, que se desenvolve a Sul, com orientação N-S, e conflui na ribeira do Alfôrfa, após o que emana as suas águas para o rio Zêzere, afluente do Tejo, através das ribeiras de Unhais da Serra e do Paúl.

Deste modo, entre o Covão da Estrela e a Ribeira da Estrela, à revelia da ligação que a toponímia estabelece, desenvolveu-se uma importante divisória de águas entre os rios Mondego e Tejo que, por isso e aparentemente, não se coaduna com os nomes de Covão da Estrela e Ribeira da Estrela, devido à proximidade existente entre ambos, a qual sugere uma certa continuidade. Trata-se, sem sombra de dúvidas, de uma área interessante para desenvolver um estudo de pormenor, o qual se deverá estender às cabeceiras da ribeira de Loriga, situada a Norte, para ajudar a perceber a evolução recente que, no pormenor, a rede de drenagem foi desenvolvendo no chamado “Planalto da Torre”.

Esta importante diferença de altitude, em distâncias horizontais relativamente curtas, permitiu que, durante o último período frio, se tivessem formado línguas glaciares na parte culminante da serra (H. Lautensach, 1932; S. Daveau, 1971) e, nas áreas situadas a cotas mais baixas, se tivessem desenvolvido processos periglaciares e, posteriormente, em ambos contextos, tivessem passado a dominar os processos fluviais.

Apesar do interesse da morfologia glacial e proglacial, tanto do vale do Alvoco, nos já mencionados Covões de Alva e Estrela, cujas línguas terminariam à volta da cota de 1350 m, como da ribeira de Loriga, sua afluente, cuja língua descia até cerca de 800 m (S. Daveau, 1971, p. 18) foi a geomorfologia periglacial e fluvial do Baixo Alvoco que, por ser menos conhecida, mais despertou a nossa atenção e, por conseguinte, será a essa que dedicaremos este estudo, tanto mais que o periglacial foi um tema que também interessou ao Doutor António Pedrosa, com quem debatemos vários aspetos deste tipo de morfologia.

Começaremos por apresentar algumas formas associadas à geomorfologia fluvial, quer associadas à condicionante estrutural, quer resultantes do progressivo encaixe da rede hidrográfica, passando depois aos depósitos formados em ambiente periglacial, quer anterior quer posteriormente a esse encaixe, os quais se encontram relativamente bem conservados ao longo de quase todo o Baixo Alvoco.

Não se trata de um trabalho completamente inédito, dado que retoma alguns aspetos já antes apresentados (L. Lourenço, 1986 e 1996), mas não quisemos perder esta oportunidade para retomar o assunto, na expectativa de não só vir a despertar a curiosidade de algum estudante de mestrado ou doutoramento, animando-o e incentivando-o a aprofundar o conhecimento deste vale, onde ainda há muito para esmiuçar, mas também pela facilidade de observação de muitas destas formas, o que torna este vale de um grande didatismo, pelo que importa a sua divulgação, sobretudo junto dos professores, a fim de que o possam dar a conhecer aos seus alunos, o que também poderá ajudar a contribuir para a preservação das mais belas destas formas, dado que algumas delas, por mero desconhecimento da sua importância, estão seriamente ameaçadas e podem ser irremediavelmente destruídas.